

BOLETIM DO CEIB

CENTRO DE ESTUDOS DA IMAGINÁRIA BRASILEIRA

EDITORIAL

Apresentamos neste número do BOLETIM DO CEIB, uma prestação de contas das receitas e despesas realizadas no período de novembro de 1996, logo após a criação do Centro, até março de 1998. Esta prestação de contas foi feita pelo contador Tarcísio Anchieta Melo, inscrição número 114.367. Estamos à disposição para prestar qualquer esclarecimento sobre o assunto aos nossos associados.

Houve um saldo positivo, porém, muitos sócios precisam pôr em dia suas anuidades para que possamos fazer face às despesas. Anexo a este número do BOLETIM, estamos enviando uma carta lembrando os valores devidos pelos associados. Gostaríamos de finalizar o recebimento das anuidades de 1997 para colocarmos nossa contabilidade em dia com mais facilidade.

Em breve enviaremos uma correspondência sobre o 1º Congresso, que deverá ser realizado nos dias 3, 4 e 5 de setembro próximo, na cidade de Mariana. Nos três primeiros dias teremos a participação de conferencistas de vários países e comunicações dos participantes. O quarto dia estará reservado para uma visita conjunta à Basílica de Bom Jesus do Matosinhos, em Congonhas.

Em breve o BOLETIM do CEIB estará disponível na Internet no seguinte endereço: <http://coremans.eba.ufmg.br>. Este site já está aberto à visitação.

DEMÔNIO OU REI BRANCO?

Beatriz Coelho*

Foto da autora



Santo Elesbão
IPHAN - Recife - PE

No último número do Boletim do CEIB, foi publicado interessante artigo de Orlando Ramos, restaurador e pesquisador do barroco, sobre Santo Elesbão, intitulado "Iconografia Subliminar" em que ele analisa, sob o aspecto iconográfico, a figura de Santo Elesbão, comparando-o com a figura feminina de Santa Efigênia e contrapondo-o à de São Miguel, como sua versão negra. Considero a interpretação do Orlando muito interessante, sobretudo quando ele chama a atenção do leitor para o aspecto subjetivo, oculto, da "mensagem subliminar que existe em cada obra de arte". Estimulada pelo artigo, tomo a liberdade de fazer algumas considerações sobre a

hagiografia (vida) e iconografia (representação) de Santo Elesbão, que talvez sejam úteis ao debate sobre o assunto.

Primeiramente, gostaria de destacar a enorme dificuldade em encontrar dados sobre a vida de Santo Elesbão, Santa Efigênia e Santo Antônio de Categeró, santos negros, cultuados em quase todas as igrejas brasileiras de irmandades de escravos, como as de N. Sa. do Rosário. Em livros europeus muito completos sobre a hagiografia dos santos, não encontramos, na maioria das vezes, nenhuma referência sobre os santos citados, exceto o caso de São Benedito de Palermo, também negro, que consta de praticamente todos esses livros, com outras publicações especialmente a ele dedicadas.

Encontramos dados da vida e da iconografia de Santo Elesbão em Schenone, no seu livro Iconografia Del Arte Colonial: Los Santos, em Ma. José Assunção da Cunha, na Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana e no livro Na Luz Perpétua, de autoria de Pe. João Batista Lehmann.

De acordo com estes autores, podemos dizer que o verdadeiro nome de Santo Elesbão era Caleb. Ele era rei da Abissínia, atualmente Norte da Etiópia, tendo sido, provavelmente, monofisita (doutrina daqueles que admitiam em Jesus Cristo uma só natureza). Viveu no século IV. Vingou a matança de Najran feita por Dunaán, rei convertido ao judaísmo. A lenda refere-se a ele como anacoreta no fim de sua vida. Segundo a Acta Santorum sua comemoração é no dia 27 de outubro.

De acordo com a

Enciclopédia Universal, Elesbão foi chamado de "o bem-aventurado", pela determinação com que defendeu a religião católica no tempo do imperador Justino, o Velho (518-528), fazendo cessar a perseguição contra os cristãos na Arábia. Renunciou ao reino, que entregou ao seu filho, e enviou sua coroa a Jerusalém, a fim de entregar-se à virtude e fez-se monge de São Basílio, morando no mosteiro com grande humildade e penitência. Morreu a 27 de outubro, próximo a 523, dia em que é citado pelo Martirologio Romano.

Foto da autora



*Santo Elesbão - Igreja de São Benedito
Rio de Janeiro - RJ*

Segundo a mesma Enciclopédia, José Pereira de Santa Ana, ao descrever a vida deste santo em Lisboa, em 1763, afirma que ele pertenceu à Ordem Carmelita.

Ma. José Cunha diz que ele "é representado com uma coroa sobre a cabeça, uma cruz à mão direita e, à esquerda, um livro. Pisa, com os pés, a cabeça do rei branco".

Segundo Schenone, ele "é representado com feições

próprias da raça negra, veste traje real e leva o escapulário castanho sobre o peito".

Em algumas representações escultóricas que conheço ele traz em sua mão direita uma igreja, símbolo de sua luta em defesa da religião católica, e outras vezes, uma coroa aos pés, por ter renunciado ao seu reino.

No caso do Santo Elesbão de São Bartolomeu, distrito de Ouro Preto em Minas Gerais, verifica-se que ele está vestido de carmelita, traz uma igreja na mão esquerda e pisa sobre um homem branco que tem uma coroa na cabeça. Na imagem erudita publicada neste nosso artigo, ele está vestido de rei e também domina um outro rei branco. (O rei a que se referia Schenone). O mesmo acontece com uma imagem popular, pertencente à igreja de São Benedito, no Rio de Janeiro: o santo também põe o seu pé e estandarte sobre um rei branco.

Discordando de Orlando quanto à representação do "demônio sobre o qual pisa com os dois pés", quero deixar expressa minha concordância com o autor quando ele chama a atenção para "aspectos não técnicos/estilísticos de execução; mas para o subjetivo, o oculto, a mensagem subliminar contida em cada obra de arte".

Se, ao esmagar "um demônio branco" o artífice negro ou mulato teria "uma manifestação proposital, consciente, ou mesmo involuntária, inconsciente, de uma rebeldia contra o senhor branco" como nos leva a pensar Orlando, ficamos refletindo sobre o que se passaria por sua mente e por seus sentimentos, ao fazer a representação escultórica de um santo negro e REI, que domina totalmente um REI branco.

*** Restauradora e professora emérita da UFMG.**

NARCISO E ECO

*Myriam Ribeiro de Oliveira**

Foto da autora



*Narciso
Mestre Valentim
Jardim Botânico- Rio de Janeiro*

A significação de "Narciso e Eco" para a História da Arte no Brasil situa-se em vários níveis. Primeiramente seu autor, Valentim da Fonseca e Silva, o Mestre Valentim, é reconhecido como o principal artista carioca do século XVIII, equivalente em notoriedade ao Aleijadinho de Minas Gerais. É importante lembrar que desde meados do século passado esses dois artistas mulatos despertaram o interesse de intelectuais ligados aos movimentos nacionalista e romântico em busca de valores próprios da terra, sendo então biografados, o Aleijadinho por Rodrigo Ferreira Brêtas e Mestre Valentim por Manuel Araújo Porto Alegre.

Esta identificação com a nacionalidade é claramente visível em ambas as estátuas, indiscutivelmente "brasileiras" apesar de seu preciosismo e re-

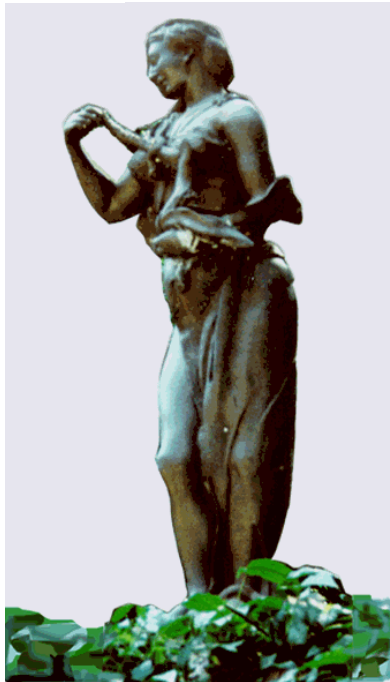
quintada elegância, típicos do rococó internacional, estilo em vigor na época de execução no ano de 1783. Basta analisar as feições dos personagens, em que traços mestiços aparecem e, sobretudo, o tratamento vigoroso das formas sensuais da ninfa, cujo desenho e modelado nada têm a ver com as formas lânguidas e fugazes dos nus femininos do rococó europeu.

Do ponto de vista da técnica, estas estátuas, fundidas no antigo Arsenal Real do Exército, conhecido como Casa do Trem (atual Museu Histórico Nacional), são tidas como as primeiras esculturas em metal executadas no Brasil. É curioso notar que o metal utilizado foi o chumbo e não o bronze, aliado a uma pequena quantidade de estanho para reforço da liga, razão de seu extraordinário peso, cerca de 2 e meia toneladas cada estátua.

Faziam parte originalmente do Chafariz das Marrecas, assim chamado por causa de cinco marrequinhas de bronze servindo de bicas para jorros d'água que ornamentavam seu tanque superior. Com a demolição do chafariz em 1896 as estátuas foram recolhidas ao Jardim Botânico e dispostas separadamente em locais afastados, até o ano de 1990, quando o escritor Antônio Callado lançou, pelo Jornal do Brasil, uma campanha para que fossem novamente reunidas. Revelando-se entretanto a necessidade de demorados trabalhos de restauração, foram então confeccionadas réplicas das duas estátuas e a montagem de uma estrutura de vegetação para sua instalação. Esta montagem, situada no Arboreto, reproduz em linhas gerais a forma e dimensões do antigo Chafariz das Marrecas,

assim como a perspectiva original para a visão da estátuas idealizadas pelo Mestre Valentim. Mas é sobretudo pela singularidade de sua iconografia que estas obras excepcionais chamaram desde sempre a atenção.

Foto da autora



Eco

Mestre Valentim

Jardim Botânico - Rio de Janeiro

A representação de personagens "pagãos" da mitologia clássica era com efeito tema praticamente inédito na escultura brasileira do período colonial, concentrada na confecção de imagens sacras para exposição nas igrejas e oratórios domésticos. Daí, sem dúvida, a dificuldade enfrentada pelo artista na interpretação do tema da dupla mitológica de Narciso e Eco, talvez proposta pelo próprio vice-rei D. Luís de Vasconcelos, encomendante da obra. Na falta de modelos precisos para as representações de Narciso, jovem de beleza ideal, cobiçado pela ninfa Eco, sua ardente apaixonada, condenada pela deusa Juno à eterna repetição de palavras ouvidas, Valentim parece ter utilizado uma gravura

representando Diana surpreendida ao sair do banho pelo caçador Actéon, como já foi sugerido por cronistas do passado reforçando, em seguida, sentido iconográfico desejado pela colocação de uma flor de narciso nas mãos de Eco. Tanto a lenda de Narciso e Eco quanto a de Diana e Actéon são reportadas nas Metamorfoses de Ovídio, do livro III, razão pela qual foram às vezes utilizadas pelos artistas em programas iconográficos conjuntos.

A duplicidade de interpretações possíveis para esse casal famoso da mitologia clássica, a ambigüidade das figuras vistas individualmente (Eco já foi chamada de Ceres, a deusa da agricultura e Narciso confundido com a própria Diana representada como caçadora), e sua reinterpretação nativista pela visualidade de um artista mulato, são dados que reforçam o interesse destas belas esculturas. Além, evidentemente, de sua qualidade técnica e estética, aliada ao deleite sedutor dos volumes arredondados dos corpos, sobretudo no caso da ninfa, cujo modelado parece ter dado ao escultor um prazer especial.

***Doutora em História da Arte — Presidente do CEIB**

CEIB

Presidente: Myriam R. de Oliveira

Vice-presidente: Beatriz Coelho

1ª Secretária: Moema N. Queiroz

2ª Secretária: Carolina Ma. P. Nardi

1ª Tesoureira: Claudina Ma. D. Moresi

2ª Tesoureira: Ma Regina E. Quites

BOLETIM

Projeto gráfico, arte e editoração:

Beatriz Coelho

Auxiliares:

Tatiana L. Costa Santos Melo

Jeaneth Xavier de Araújo

Tiragem: 300 exemplares

Periodicidade: trimestral

PRESTAÇÃO DE CONTAS ENTRE NOVEMBRO DE 1996 A MARÇO DE 1998

DEMONSTRATIVO DE RECEITAS E DESPESAS

DESCRIÇÃO	RECEITA	DESPESA
SÓCIO COLABORADOR	360,00	
SÓCIO ESTUDANTE	285,00	
SÓCIO TITULAR	1880,00	
DESPESAS POSTAIS		277,32
DIÁRIAS		104,36
MATERIAL DE ESCRITÓRIO		457,39
MATERIAL DE CONSMO		15,37
REM. SERVIÇOS PESSOAIS		170,00
REPRODUÇÃO DE TEXTOS		157,26
CPMF		4,76
TOTAIS	2.525,00	1.186,46
SALDO POSITIVO	1.338,54	

Tarcísio Anchieta Melo
Técnico em Contabilidade - Insc. 114.367

